

Affonso Lopes Vieira

---

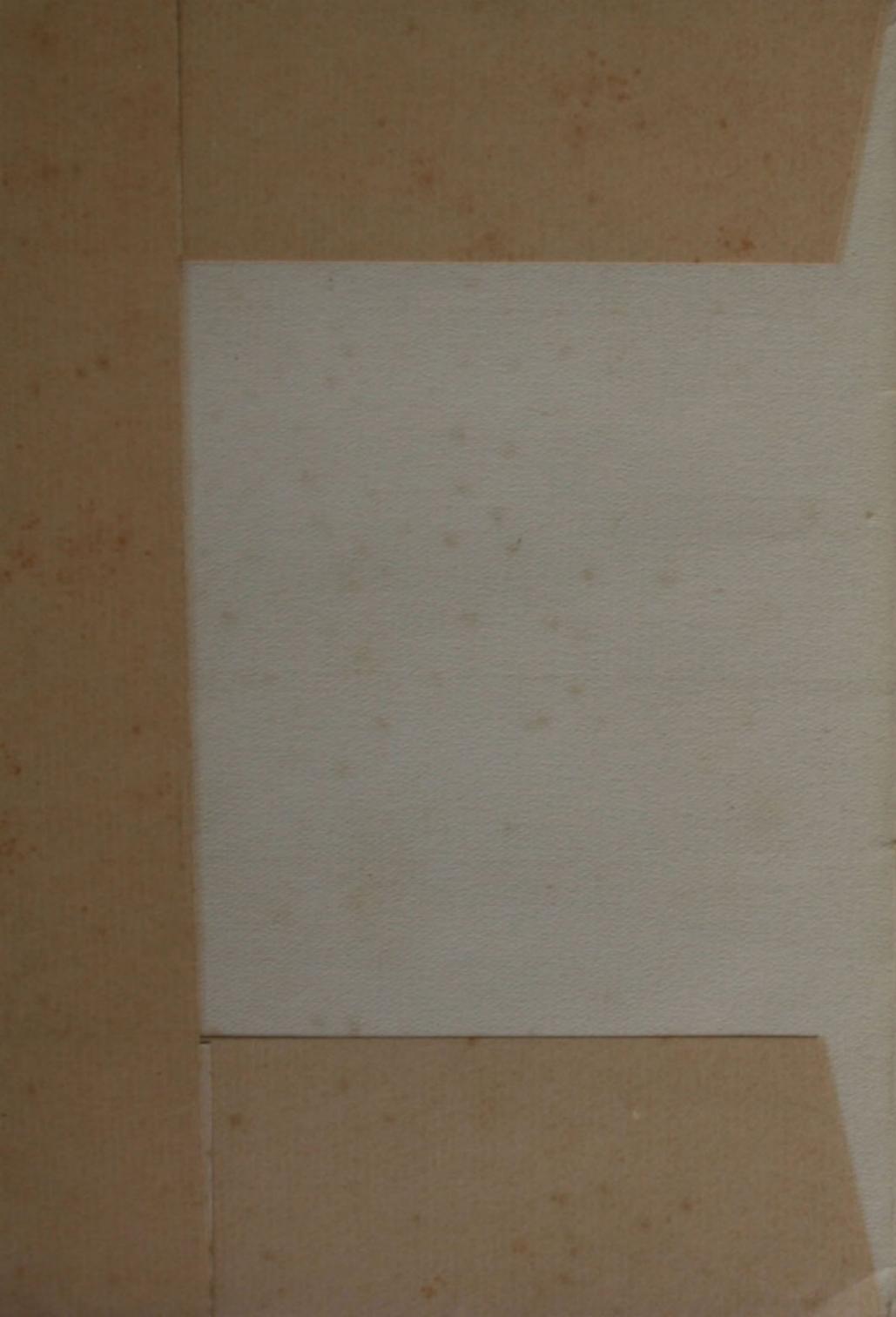
# O Povo e os poetas portugueses

CONFERÊNCIA LIDA PELO AUTOR  
NO TEATRO D. MARIA II

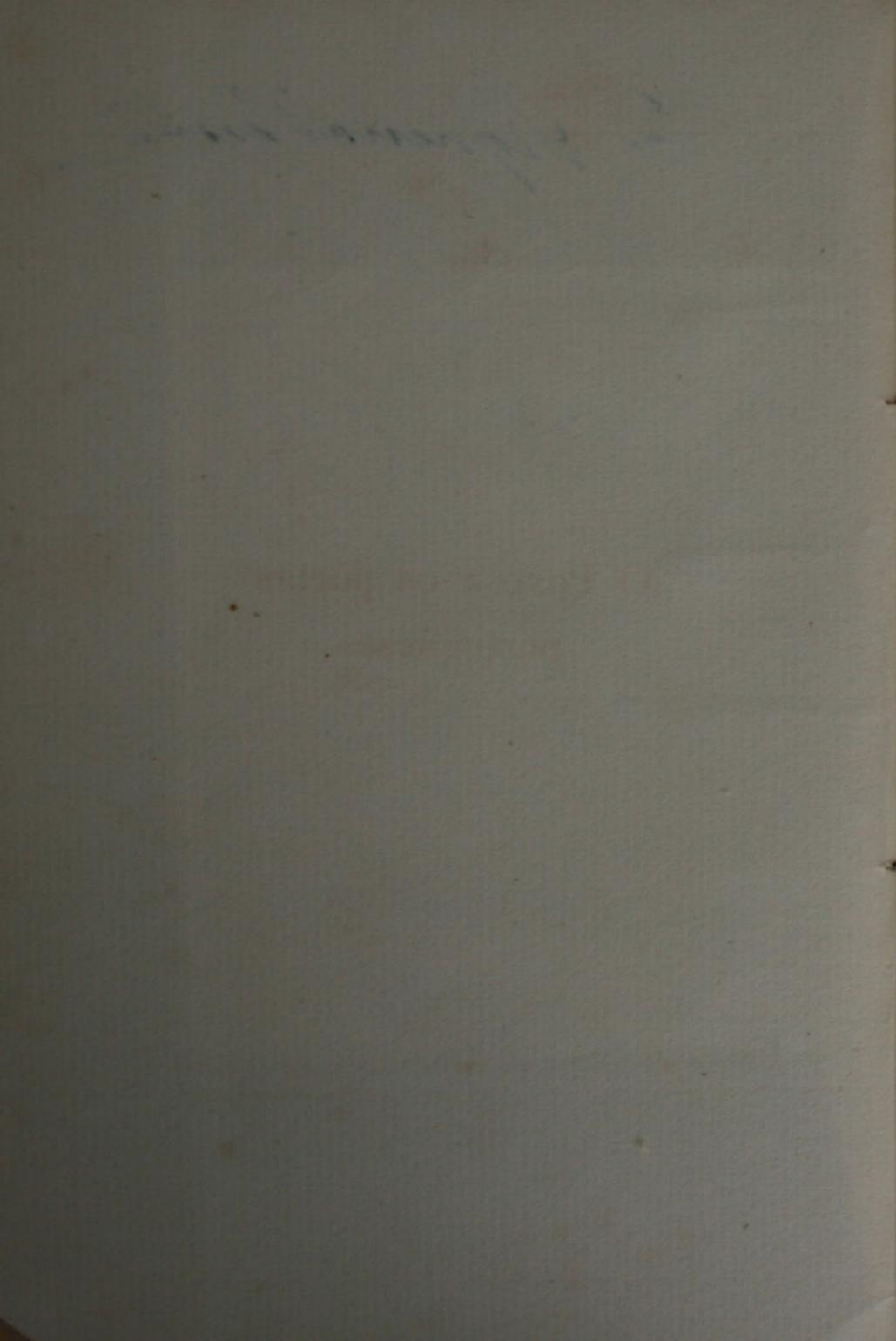


LISBÕA

1910



F. Agnew & Sons



O Povo e os poetas  
portugueses

Do mesmo autor

Para quê? (1897)

Náufrago.

Auto da Sebenta.

O meu adeus.

O poeta Saudade.

Conto do Natal.

«Marques».

O Encoberto.

Ar livre.

O Pão e as Rosas.

A publicar:

Sóror Mariana (*poêma*).

Poesia da Casa.

Jornal de um poeta.

Affonso Lopes Vieira

---

O Povo e os poetas  
portugueses

CONFERÊNCIA LIDA PELO AUTOR  
NO TEATRO D. MARIA II  
EM 12 DE JANEIRO DE 1910

LISBÔA

O Povo e os Poetas  
Portuguezes

---

Typ. «A Editora» — Conde Barão, 50 — Lisboa

Sonhava, com grão prazer,  
que os mortos resuscitavam  
e todos se alevantavam,  
tornavam a renascer...

*Trovas do Bandarra,  
çapateiro de Trancoso.*



*Aqueles moços namorados desconhecidos  
que, um dia, no campo, vi trabalkar a can-  
tar, este piqueno estudo é dedicado.*





MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES:

**S**E deitarmos os olhos para os longes da nossa vida nacional, e viermos com elles percorrendo as jornadas da nossa tradição e da nossa literatura, veremos sobressair, do remoto tempo aos nossos dias, a persistência poética da raça, resistente através da obra empreendida quase com método em Portugal — a obra da sua desnacionalização. (\*) O

---

(\*) Obra empreendida pelo espirito católico-jesuít-

povo português afirmou sempre, no seu folclore e nos livros dos seus escritores, o fundo étnico que enobrece a feição peculiar do sentimento colectivo.

E essa afirmação do character étnico, que representa na alma dos povos o mesmo valor da afirmação do character moral nos

---

tico, que criou esse estado de alma, posto nesta frase definitiva, de ferro em brasa — APAGADA E VIL TRISTEZA — a que o Dante, no *Inferno*, chama *viltà* — o pecado maior entre os pecados, o que elle, entre todos, fulmina... Nos elementos de esse estado de alma, entra tambem o mórbido desmazeladismo português, resultando natural, como fórma passiva de resistência, do divórcio entre o Povo e o Estado, depois da tarefa extenuante nos mares.

Ah!, o que admira, após tres séculos de perfeita deseducação suggerida por aquelle espirito, com sua dupla força *insociavel e inestética*, e tudo abrangendo dos lares ao Poder, — o que admira é que ainda se encontrem, num povo que espera em vão lhe cultivem qualidades raras que possui, — límpidos characteres e vozes claras!

indivíduos, constitue, ainda hoje — a nossa melhor esperança. Portugal desmembra-se no seculo XII do reino galaico-leonês, por um movimento da alma popular, e não por via de ambição heroica de Affonso Henriques. Ao coração do primeiro rei afluê a aspiração de independência que anima o povo que o elege para chefe, e este apparece-nos como a síntese guerreira do sentimento nacional, de ha muito vibrante e apto a expandir-se. Ao despontar para a vida das nações organizadas, Portugal encontra a Europa animada por um movimento complexo, que se prolongará, modificando-se, até fins do seculo XV, e cujo estudo constitue um dos melhores títulos de glória da crítica do século passado.

Esse periodo orgânico na vida da humanidade — a idade-média — atraiu, desde que foi comprehendido, o carinho e a atenção incantada dos artistas e dos sábios.

E uma admiração comovida invadiu as almas pela arte dos primitivos, pelas insti-

tuições e pelas obras produzidas antes da última renascença — a renascença clássica — despertada pelo aparecimento dos mármore gregos Antigos, após longos séculos de soterrado exílio surgidos á luz do Sol, que enamoraram o pensamento dos homens com o sortilégio das suas fórmãs.

Animada por este movimento, a Europa, resgatada dos pavores do anno Mil, começou a vestir, como diz um velho cronista francês, *la robe blanche des églises*. Essas igrejas laicas eram as cathedraes, os palácios do povo, construidos por elle e para elle, ou doados pela pompa magnânima dos mais fortes aos mais fracos. Ellas eram os templos da religião, os museus vivos da arte e da sciência, os teatros públicos, os parlamentos democráticos.

Á sombra amiga das suas pedras morenas, se casavam os noivos e se abençoava o pão.

Á sua sombra sempre generosa, se acoi-tavam inviolavelmente todos os persegui-

dos. E nos dias de festa, estes grandes lares ecoavam os cânticos do povo, ao som alado dos sinos.

Essa vibração das almas que, a tal distância, sentimos ainda pulsar nos nossos corações, esse sentimento renascente e transbordante, que aquece as criações da idade média, provinha de ter o povo conquistado as suas liberdades comunaes, que em Portugal se traduziram na emancipação dos municípios — o facto de mais vasto alcance no futuro da nação. Á grande arte prodigalizada pelos arquitetos, pelos santeiros e pelos imaginários nos admiraveis monumentos da idade-média, devia corresponder, no campo da poesia, uma arte moderna similar. Assim como esses humildes e geniaes operários souberam inspirar-se, não na frieza escolástica, mas na comunhão intensa com a alma dos povos, assim uma nova poesia aparece, falando uma língua fresca, musical, capaz de ser compreendida pelos mais ru-

des, alheios ao latim dos monges. Essa poesia, é a poesia provençal. Ella foi a flor de maravilha que, desabrochada ao Sol na provincia meridional da França, perfumou e comoveu o mundo. E na Inglaterra e na Alemanha, na França e na Itália, em Espanha e Portugal, espalhou a sua semente fecunda de beleza, de justiça e de Amor.

Esses poetas foram os caminheiros da canção nova, que trazia á luz a grande alma popular. Unidos pelos laços da confraria artistica, que a todos iguala, reis e filhos do povo obscuro fraternizavam cantando, tocados da mesma ância de ideal que, na frase de um critico, fazia da poesia dos trovadores a liberdade de imprensa dos tempos feudaes.

Então, como na idade lirica dos gregos, *o poeta é o poema vivo*, (\*) em relação directa com o seu público.

---

(\*) Schuré.

O povo ingénuo sabe, por instinto, que a poesia das palavras só é completa e viva quando a música e o gesto a vêm fecundar. Através de todas as vicissitudes que as artes e as literaturas atravessam, elle continuará a produzir essa arte viva, cantando e dansando os versos que criou.

E até nos usos vulgares da sua labuta, guardará esse instinto religioso da palavra cantada — como no pequenino drama musical, que é o pregão. A' fase popular da poesia provençal, nascida ao tempo da primeira cruzada e sugerida pela ausência libertadora dos barões feudaes, sucede uma fase aristocrática. E quando essa poesia se instala nas côrtes, entra na decadência. O trovador começa a ser o bardo doméstico, que ha de entreter, cantando, a castellan. Essas duas correntes da poesia provençal, acentuam-se no seu ultimo periodo: ao lado da *gran mestria* — que era a retórica dos grandes — florescia a *arte comum* — que era o lirismo dos pobres. A hospitalidade

do peregrino, era paga com uma canção. E era ainda uma canção que satisfazia, á portagem das pontes, o imposto exigido ao caminhante.

Todavia, ninguem poderá intender a sensibilidade da Europa medieval, a partir do seculo XIII, sem cuidar na vinda de aquelle que nasceu numa cidade da Itália ombriana, á qual, segundo Dante, se devia chamar Oriente, visto o Sol ter lá nascido — San Francisco de Assis. O poeta supremo da *Cantiga do Sol*, o esposo ledo e fiel da Senhora Pobreza coroadada de flores, foi quem mais decisivamente influiu nos destinos do povo europeu, de onde elle proprio saía. O homem do Amor e, por isso, o maior dos homens, conseguiu fraternizar, durante momentos inesqueciveis, a dividida e confusa Europa da sua época, ajuntando-a numa unidade espiritual que só no nosso tempo, e por via tambem da simpatia — unica força fecunda — se começa a elaborar.

A influência do terníssimo panteísmo franciscano floresce em Portugal com a lenda da Rainha santa, tão fragrante de rosas milagrosas. E o rei D. Denis, é também o primeiro grande poeta português.

Os seus versos, na parte das *serranilhas*, recebem ao contato do sentimento popular, em que se inspiram, uma graça cujo segredo João de Deus saberá desvendar.

Enobrecido por uma notabilíssima cultura, este rei fecundo é também o primeiro rei pacífico. Depois dos primeiros monarcas, férreos e hirsutos, que arrombam a golpes de acha as portas dos castelos, elle desposa e semeia a terra libertada.

E é interessante notar como a lembrança do rei poeta permanece na memória do povo, perto do qual elle viveu.

A' bela floresta do Pinhal de Leiria, ainda hoje a gente da região, sugestionada pela lenda enevoadá na história, chama o *Pinhal do Rei*.

E ingenuamente o povo lhe indureceu também a alma, para realçar a figura da rainha, perpetuada em romances sacros, e que um dia, como uma doce figura de vitral, apartou dois exércitos enriçados.

Os versos de D. Denis, que vão ser ditos, são um lindo exemplo da poesia provençal, aclimatada na nossa terra — uma *cantiga de amigo*, como lhe chama o cancioneiro da Vaticana.

Este género de composições é ainda hoje popular na Galiza, e constituem seus temas as queixas e confidencias amorosas das mulheres. A evocação ás flores do *verde pino*, que nestes versos se faz, é dirigida ás flores do *cimo* verde de um monte, que abrangem o horizonte, e ás quaes a namorada pergunta novas do seu amado. Depois, ouve a resposta das flores.

(*A actriz Palmira Torres recita os versos que seguem.*)

CANTIGA DE AMIGO

Ai flores, ai flores do verde pino,  
se sabedes novas do meu amigo !  
Ai Deus, e onde está ? (\*)

Ai flores, ai flores do verde ramo,  
se sabedes novas do meu amado !  
Ai Deus, e onde está ?

Se sabedes novas do meu amigo,  
aquele que mentiu do que pôs comigo !  
Ai Deus, e onde está ?

Se sabedes novas do meu amado,  
aquele que mentiu do que me ha jurado !  
Ai Deus, e onde está ?

— Vós preguntades polo vosso amigo ?  
E eu bem vos digo que é san' e vivo.  
«Ai Deus, e onde está ?»

— Vós preguntades polo vosso amado ?  
E eu bem vos digo que é viv' e sano.  
«Ai Deus, e onde está ?»

---

(\*) Ai Deus, e ú é ?

— E eu bem vos digo que é san' e vivo,  
E será vôsc' ant' o prazo saido.

«Ai Deus, e onde está?»

— E eu bem vos digo que é viv' e sano,  
e será vôsc' ant' o prazo passado.

«Ai Deus, e onde está?»

Mas o relêvo subjectivo, já inconfundível, da sensibilidade portuguesa, aparece nas *cartas* atribuidas a Egas Moniz Coelho, e dirigidas pelo poeta a Violante. Essas composições têm sido por alguns eruditos consideradas apócrifas, como forjadas numa época relativamente próxima da nossa. O eminente escritor Sr. José Pereira de Sampaio, achou recentemente o que elle chama uma chave conciliatória, num texto de frei Rafael de Jesus, que nos conta na *Monarquia Lusitana* o idílio trágico de Fernão Martins Santarem e Violante Martins Morena.

Segundo essa hipótese, as *cartas* estariam autenticadas.

A cima, porém, dos juízos da filologia, ergue-se a convicção produzida pela comoção estética que nos causam essas duas maravilhas do sentimento português.

Com razão diz aquelle crítico que, considerando-as uma burla, só a linguística se satisfaz. E, movido de belo intusiasmo, não hesita em lhes chamar, «pela sua sinceridade e emotividade profunda, pela sua generosidade magnificante», as poesias de amor mais belas que em português ha escritas.

Estes versos de amor não são obra de joalheria literária, á moda dos poetas do cancionero de Resende, cuja poesia é apenas galantaria. Porque a poesia é uma flor brava, que murcha sempre que perde o contato do ar livre, da natureza madre.

A essa flor que espalha ao vento o seu vivo perfume, são igualmente fataes a atmosfera voluptuosa dos salões, e a atmosfera sufocante das academias.

Para florir, precisa de espaço e de Sol, de dor sincera e de profundo Amor.

Pela mesma razão por que a sentimos artificial nas côrtes de D. Affonso V e D. João II, vê-la-emos ingelhada e pendida nos seculos XVII e XVIII, sob o pêso da erudição divorciada da alma tradicional.

O cancionero de Resende foi todo composto na era inolvidavel de Quatrocentos, quando se inicia e desinvolve o movimento das Navegações, e ás praias portuguesas chegam, vindos do Longe, os primeiros eflúvios perturbantes de além-mar. A pátria sente-se ainda fremente da época de João I — a mais bela da nossa história — e, todavia, não se encontra nesse cancionero uma forte palpitação que reflita o sentimento nacional.

Emquanto os cortesãos discutem se é mais triste o *Cuydar* ou o *Suspirar*, o verdadeiro poeta, o sempre grande poeta — o povo — vai cantar as suas cantigas ingénuas ao pé da campa de Nunálvares, e á

roda de ella bailar, renovando neste culto naturalista a sua paixão pelo Heroe.

As *cartas* atribuidas a Egas Moniz Coelho, mergulham profundamente no coração nacional. Incorporam-se naquella classe de obras que, pela valia da expressão moral, pertencem ao genio popular, pronto ás vezes a adoptá-las. O grande Cervantes diz numa das suas novelas, que «era quase costume morrerem de amor os portuguezes». D. Francisco Manuel, apoiando-se em opiniões de estrangeiros, fala do «nosso natural, que é entre as mais nações conhecido por amoroso.»

Esse fundo amoroso, que ha de criar, para nossa glória, algumas sublimes quadras do cancionero popular, revela-nos um claro-escuro especial, que o distingue da arte de amar dos outros povos.

É, dentro do amor, um elemento terno, um sentido tímido e profundo — todo apaixonado, mas sem violência; todo sensual, mas sem brutalidade... Para esse namo-

rado místico, que nada perderá do seu valor humano, a mulher amada será a senhora do culto supremo. Mas não será, como para os florentinos da idade dantesca, *la donna angelicata*, fantasma etéreo, irrealizado para além da vida. Será religiosamente amada, sobre a terra; e na sua alma e no seu corpo. Se de ella houver de se apartar, no seu coração tê-la-á sempre presente, pelo poder evocatório e magia lírica da saudade.

E se ella o trair, estará pronto a morrer, porque prefere a morte a ter de amaldiçoar quem amou...

É este elemento terno — sem o qual se não poderá compreender a alma portuguesa, nas suas qualidades e até nos seus defeitos — que anima as *cartas* a Violante.

Ao drama a que ellas aludem, chama o cronista — *Um peregrino caso de amor, succedido na cidade de Lisboa, entre dois amantes*.

Deve o peregrino caso ter-se passado

nos fins do reinado de D. Affonso IV, quando em Coimbra se amavam Inês de Castro — o *Colo de garça*, como diz a crónica de Fernão Lopes — um dos maiores e mais *vivos* poetas da nossa terra — e D. Pedro — esse grande artista da paixão amorosa, que, ao colocar o corpo de Inês no seu túmulo de Alcobça, mandou que no outro túmulo o seu próprio corpo fosse depois deitado em sentido inverso (como se vê das estatuas tumbaes) para que ao acordar do Juizo final — os olhos de ambos logo se encontrassem!

Ora, de Violante, o *corpo de oiro* dos versos, diz o cronista que «sabia subir de preço o muito que herdava com o virtuoso recato com que vivia.»

Em seu recato a viu e amou o poeta, mas, em meio do idilio, ao namorado mandou o infante, a cuja casa pertencia, que se aprestasse para o acompanhar a Coimbra.

Despediram-se os amantes. E é esta si-

tuação moral do homem que se despede da mulher amada, a tortura da dúvida e dos presentimentos combatidos, que a primeira *carta* nos descreve, aonde a dôr dos adeuses nos é logo traduzida numa quadra genial. Na casa da rainha D. Brites servia a esse tempo um castelhano, de quem diz frei Rafael que «para ser ditoso, bastava ser estrangeiro.» Enamorado por sua vez da formosura, e talvez dos haveres de Violante, foi por esta amado com melhor amor que o que lhe merecera o seu noivo distante e sempre fiel, que então suspirava entre os choupos de Coimbra — costumados como sempre a essas coisas. O castelhano foi gabado ao pai da noiva com, fala ainda o cronista, «a ordinaria fálacia de casamenteiros,» e fez-se o casamento. Tempo depois das bodas, chegou o poeta, que, ao saber da traição, adoeceu para morrer. Pouco antes de acabar, pediu a um amigo que entregasse a Violante uma carta, e lhe dêsse noticia da sua morte. Sendo

tudo cumprido, Violante «assaltada de uma mortal tristeza, assim a congelou o pasmo que, sufocados os espiritos vitaes, caiu morta de um repentino acidente.» Isto nos conta a crónica.

*(O actor Luis Pinto diz estes versos, na lição modernizada de Garrett:)*

#### A VIOLANTE

##### I

Ficae vós em boa hora  
Tam chorada,  
Que eu vou-me por ahi fóra  
De longada.

Vai-se o vulto do meu corpo  
Mas eu não,  
Que aos pés vos fica morto  
O coração.

E se pensais que eu vou,  
Não no pensêdes ;

Que unido com vosco estou,  
E não me vêdes.

Em vós meu ser, meu amor  
Que de vós nasce;  
Tranças tendes de espelhar,  
Lucida face.

Não quero os olhos voltar  
Tam d'avesso  
Que os meus males va contar  
Do começo :

Mas se eu for para Mondego,  
Como vou,  
Carochas me façam cego  
Que ja o sou !

Se n'estas penas d'amor  
Com que lido,  
Como dizeis, esfriar  
O meu sentido.

Amae-me assim, se quereis,  
D'este modo ;

Senão peor me achareis,  
Cego de todo.

Se me vós a mim deixardes...  
Deus me guarde!  
Que fareis vós em queimardes  
O que já arde?

Ora não me deixeis não,  
Que sois garrida!...  
E se não kirieleisão  
Por minha vida.

II

Bem satisfeita ficais,  
Corpo de oiro.  
Alegrae a quem amais  
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis  
Que vos quiz,  
E que penas não haveis  
Que vos eu fiz.

Trocastes a Portugal  
Por Castela,  
E levais-me alma — inda mal!  
Que dor hei n'ella!

Deixais-me por Castelhanos...  
Negra sorte!  
E teceis-me mil inganos  
Por me dar morte.

Vêdes, moiro, vêdes, moiro,  
Violante!  
Longe va o sestro agoiro  
Por diante.

Vós vivei um centenário  
Mui ditoso,  
Que eu me vou para o trintário  
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança  
Eu vier,  
Dizei: «Egas, tem folgança!»  
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento  
Se tocar,  
Revolvei no pensamento  
O meu penar ;

E quando esse castelhano  
Basofiar,  
Lembrae-vos que desingano  
Lhe fiz já dar.

Ah ! que vos quiz e requiz  
Como o ver !...  
E em coisa alguma vos fiz  
Desprazer !

Não vos posso mais fallar,  
Bem me fino...  
Bem podeis imaginar  
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboço  
Sem feição,  
Mas inda vos vejo e oiço  
No coração.

Vede, já vou descahindo  
N'esta hora...  
Vós, amor, ficae-vos rindo  
Muito embora!

No radioso começo da Renascença portuguesa do século XVI, Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão, são os últimos ecos do lirismo trobadoresco, renovado pelo neo-platonismo italiano.

Na tradição nacional existia, porém, como elemento vivo, o género *pastoril*. E esses dois preraphaelitas retomam o fio tradicional nas suas éclogas e, sob o disfarce bucólico, contam-nos tristes amores, choram algumas das lágrimas mais doces que os olhos portugueses têm chorado, espelhando a ternura melancólica — a penumbra afectiva da alma lusa. Nos seus versos e na *Menina e moça* dormem alguns dos mais lindos dizeres da nossa linguagem, que o esforço portentoso de Camões vai para sempre disciplinar. Entre os versos de

Bernardim Ribeiro, ha um *Cantar á maneira de solau*, que vem na sua novela.

Nunca digo esses versos que me não cante tambem na memória a extraordinária frase musical com que as mães embalam os filhos, na provincia da Beira. Com espanto meu, nunca vi citada pelos nossos criticos musicaes essa genial *berceuse*, como mais bela não haverá no mundo.

Ella diz, no ritmo longamente embalador e monótono do berço, a melancolia das mães ante a incerteza do futuro dos filhos, expressa nos dois versos do povo:

quantas vezes a mãe canta,  
com vontade de chorar...

Mas as ternas melancolias fogem espancadas por um jogral de génio — Gil Vicente — que, dos próprios paços sumptuosos da Ribeira, ri a sua grande gargalhada irreverente, de fortes timbres plebeus, que amua o clero e a nobreza.

Mestre Gil é a derradeira afirmação, mas também a mais larga, da liberdade de consciência. As fogueiras da Inquisição, acê-sas neste mesmo lugar onde estamos, vão extingui-la.

Nessas chamas hediondas se desfará em cinzas muito do que melhor havia na alma nacional!

Antes que esse fogo execravel se ateie, Gil Vicente faz o protesto do bom-senso popular, renovando a tradição do teatro hierático das cathedraes, no meio de uma sociedade onde começa a germinar a mal-sanía que acaba por separar em dois campos opostos — a alma da nação e o Estado.

E o Diabo jovial, pilotando a barca de Gil Vicente, levará juntos para o inferno o fidalgo arrogante, o frade mau cristão, o onzeneiro de rapina, o corregedor venal...

Nesta altura da sua vida colectiva, Portugal tem realizada, á frente do mundo, a sua obra grandiosa de civilização.

Dobrado o Cabo por Bartolomeu Dias, a Europa respira emfim. Ilucidado pela primeira viagem á roda do globo, dirigida por Fernão de Magalhães, Copérnico pôde iluminar o pensamento humano com uma concepção scientifica do cosmos. E Camões, *o pai do nosso espirito*, entôa o canto do nosso heroismo. A página dos *Lusiadas*, que eu desejo fazer recordar, é aquella onde ficou chorando, para sempre saudosa, a alma das mulheres portuguesas.

Essa pagina sagrada, é a da partida das naus, quando o povo, acompanhando á praia os navegadores, soluça o longo adeus com que os despede. Em todas as epopeias ha um íntimo cantinho, que é, porventura, a sua face eterna. Disse um filósofo que, da imensa *Odisseia*, ficará um dia esta coisa simples: uma esposa que espera o seu marido ausente. Para nossa dôr e nosso incanto, a ausencia ensinou-nos o sentimento da *saudade*.

A saudade, que o rei D. Duarte definiu

melhor que ninguem, tomando talvez da tradição popular estas palavras belas: «Saudade, sentido do coração», acrescentando: «E porém me parece este nome de *saudade* tão proprio, que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, não é para tal sentido semelhante.»

E da qual D. Francisco Manuel nos diz também, que é um mal que se gosta e um bem que se padece, explicando depois: «Amor e ausencia são os pais da *saudade*, e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, de ahí vem que onde se acha muito amor e ausência larga, as saudades sejam mais certas; e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como seu natural centro.»

É essa página sagrada, a página da dôr do adeus, e perante a qual todas as palavras são pálidas, que nós vamos ouvir.

(O actor Maia recita estas estancias:)

DO CANTO IV DOS *LUSIADAS*

E já no porto da inclita Ulyssea,  
C'hum alvoroço nobre e c'hum desejo  
(Onde o licor mistura e branca area  
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)  
As náos prestes estão ; e não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo ;  
Porque a gente maritima e a de Marte  
Estão para seguir-me a toda a parte.

Pelas praias vestidos os soldados  
De varias cores vem e varias artes,  
E não menos de esforço aparelhados,  
Para buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes náos os ventos socegados  
Ondeiam os aerios estandartes:  
Ellas promettem, vendo os mares largos,  
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

Despois de aparelhados desta sorte,  
De quanto tal viagem pede e manda,  
Apparelhámos a alma para a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda ;

Para o summo Poder, que a etherea corte  
Sustenta só co'a vista veneranda,  
Implorámos favor, que nos guiasse,  
E que nossos começos aspirasse.

.....

A gente da cidade aquelle dia  
(Uns por amigos, outros por parentes  
Outros por ver somente), concorria,  
Saúdosos na vista e descontentes;  
E nós, co'a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solemne a Deus orando,  
Para os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam  
As mulheres c'hum choro piedoso,  
Os homens com suspiros, que arrancavam  
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, accrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

Qual vai dizendo: «ó filho, a quem eu tinha  
Só para refrigerio e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Porque me deixas, misera e mesquinha?  
Porque de mi te vás, ó filho charo,  
A fazer o funereo enterramento  
Onde sejas de peixes mantimento?»

Qual em cabello: «ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis amor que viver possa,  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida, que é minha, e não é vossa?  
Como por hum caminho duvidoso  
Vos esquece a affeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento?»

Nestas e outras palavras, que diziam,  
De amor e de piedosa humanidade,  
Os velhos e os meninos os seguiam,  
Em quem menos esforço põe a idade.  
Os montes de mais perto respondiam,  
Quasi movidos de alta piedade;  
A branca area as lagrimas banhavam,  
Que em multidão com ellas se igualavam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos  
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado,  
Determinei de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que, postoque é de amor usança boa,  
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

O sentimento religioso do Oceano, que atravessa toda a nossa vida colectiva, cristalizou na tradição popular, produzindo o romance comovente da *Nau Catrineta*. Esta velha canção, é o complemento das estancias dos *Lusiadas*. Nella se condensam as dores e os trabalhos padecidos por nossos avós, *sobre as águas do mar*. Os marinheiros portuguezes criaram um livro sublime, e semelhante ao qual se procuraria em vão um outro nas literaturas alheias: a *História trágico-marítima*.

A *Nau Catrineta* é esta epopeia, posta nalgumas redondilhas. É o conto das misérias e das fomes do naufrágio, do terror

pelo mistério do mar, do cuidado na família que nunca mais se cuida ver — de aquela agoniada ância de olhar emfim, após mil perigos de morte, *areias de Portugal*.

Depois de oito séculos de história, que Theophilo Braga tão belamente caracterizou, chamando-lhes, na sua poesia, oito séculos de esperança, pouco mais nos ficou que estes dois versos, os quaes nenhum povo da terra podia criar senão o nosso:

A minha alma é só de Deus,  
e o meu corpo é do mar.

*(A actriz Delfina Cruz recita este romance:)*

#### A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta  
que tem muito que contar!  
Ouvide, agora, senhores,  
uma história de pasmar.

Passava mais de anno e dia  
que iam na volta do mar ;  
já não tinham que comer,  
já não tinham que manjar.  
Deitaram sola de mólho  
para o outro dia jantar ;  
mas a sola era tam rija,  
que a não puderam tragar.  
Deitaram sorte á ventura  
qual se havia de matar ;  
logo foi cahir a sorte  
no capitão general.

— Sobe, sobe, marujinho,  
áquele mastro real,  
vê se vês terras de Espanha,  
as praias de Portugal.

«Não vejo terras de Espanha,  
nem praias de Portugal ;  
vejo sete espadas núas  
que estão para te matar.

— Acima, acima, gageiro,  
acima ao tópe real !  
Olha se inxergas Espanha,  
areias de Portugal.

«Alviçaras, capitão,  
meu capitão general !  
Já vejo terras de Espanha,

areias de Portugal.

Mais inxergo tres meninas

debaixo de um laránjal:

uma sentada a coser,

outra na roca a fiar,

a mais formosa de todas

está no meio a chorar.

— Todas tres são minhas filhas,

ai! quem mas dera abraçar!

a mais formosa de todas

contigo a heide casar.

«A vossa filha não quero,

que vos custou a criar.

— Dar-te-hei tanto dinheiro

que o não possas contar.

«Não quero o vosso dinheiro,

pois vos custou a ganhar.

— Dou-te o meu cavalo branco,

que nunca houve outro igual.

«Guardae o vosso cavalo.

que vos custou a ensinar.

— Dar-te-ei a nau Catrineta,

para nella navegar.

«Não quero a nau Catrineta,

que a não sei governar.

— Que queres tu, meu gageiro,

que alviçaras te hei de dar?

«Capitão, quero a tua alma  
para comigo a levar.  
— Renego de ti, demonio,  
que me estavas a atentar!  
A minha alma é só de Deus,  
e o meu corpo é do mar. —  
Tomou-o um anjo nos braços,  
não n'ó deixou afogar.  
Deu um estoiro o demonio,  
acalmaram vento e mar.  
E á noite a nau Catrineta  
estava em terra a varar.

Mas o Velho de aspeito venerando, mais gigantesco que o Adamastor, dissera as suas palavras terrivelmente proféticas!

Aquela van cobiça, de que elle falára, dana os caracteres. As lareiras são já as frias viúvas do lume que aquecêra a poesia da casa.

As famílias nobres vivem a ostentar-se na rua e na igreja, curtindo em palácio misérias duras. Nesta sociedade, que renega como vergonhoso qualquer trabalho, só os

escravos moirejam, marcados na face com um ferro em brasa. Os campos despovôam-se... Já a lembrança das virtudes antigas enche de lágrimas os olhos de Sá de Miranda, que, ao ver chegar da Índia os aventureiros doirados, repletos do saque, recorda com saudade os seus avós, a quem elle chama «santamente grossos.» Ao povo, que vai ser abandonado, dão como festa nacional — o auto de fé.

E elle ahí fica, sòzinho, a relembrar, bisonho, os feitos e os cantos que a sua alma criou — e agora pouco a pouco irá esquecendo...

Sentir-se-á cada vez mais desterrado na sua terra, que elle defendêra ao lado do mestre de Avis e de Nunálvares, dizendo ao rei que simbolizava o espírito da pátria: — *Mantenha-vos Deus, senhor.*

Os poetas vão viver para as antecâmaras e para as academias e, depois, suicidam-se como Bocage, para fugir á vergonha de viver. A vida nacional é aquela

apagada e vil tristeza que Luis de Camões, o mais desgraçado e perseguido dos poetas de Portugal, viera encontrar na sua terra, que o coroou de espinhos!

No século xvii, Francisco Rodrigues Lobo ainda saberá escrever algumas frescas redondilhas; Antonio Vieira fará a sua nobre defesa dos escravos; e o Padre Manuel Bernardes — esse Anatole France seiscentista — contará lindos contos em linda prosa.

Mas a expressão do sentimento da raça, triunfante através de tudo por um milagre do génio étnico, será dada por um livrinho composto de cinco cartas íntimas, escritas por uma pobre rapariga da província, que vai ensinar ao mundo, ao despontar de um século frívolo, a gravidade da paixão do amor, com o seu soluço imortal...

Mais tarde, na sua mansarda de emigrado político, e ao contato do pensamento europeu, de que Portugal se divorciou nos fins do século xvi, o grande Garrett relembra os velhos contos e romances

com que a sua infância fôra embalada. E a sombra da ama que lhos cantára, e para elle então representa esse povo por cuja liberdade se exilára e combatia, — ergue ante seus olhos deslumbrados a grande alma poética de Portugal!

No meio de todas as desgraças, de todos os crimes com que essa alma tem sido trabalhada, ella mantém o fundo lírico ancestral. Como a mais bela das provas, oiçamos algumas quadras populares. E hão de parecer-nos mesquinhas todas as vaidades eruditas, diante de estes puros cristaes do sentimento, com a sua espontânea frescura e o seu aroma de rosa brava.

*(O actor Inacio e a actriz Maria de Matos dizem, alternadamente, estas quadras:)*

#### QUADRAS POPULARES

Aqui estou á tua porta  
como o feixinho de lenha,

á espera da resposta  
que dos teus olhos me venha.

Costumei tanto os meus olhos  
a namorarem os teus,  
que, de tanto confundi-los,  
nem já sei quaes são os meus.

Aqui tens meu coração,  
se quiser's, matá-lo pôdes:  
olha que estás dentro de elle  
e, se o matas, tambem morres.

A ausencia tem uma filha  
que tem por nome saudade:  
eu sustento mãe e filha  
bem contra minha vontade.

Toma lá colchetes de oiro,  
aperta o teu coletinho:  
coração que é de nós ambos  
deve andar conchegadinho.

Ó meu amor, se te fôres,  
leva-me, podendo ser:

que eu quero ir acabar  
onde tu fôres morrer.

Ó rosa de este canteiro,  
deixa-te estar, até ver:  
que eu vou ao Brasil e volto,  
Rosinha, p'ra te colher...

Tudo que ha triste na terra  
tomára que fosse meu:  
para ver se tudo junto  
era mais triste do que eu!

Para terminar, lembrarei que, em 1809, lord Byron desembarcou em Lisboa. Nesse tempo, os sebastianistas iam interrogar o horizonte, do alto de Santa Caterina, a ver se enxergavam a nau do *Encoberto*, que os livraria dos soldados de Napoleão — que, entanto, aqui sofreu seu primeiro revés.

Julgando pelos aspectos exteriores, e sem poder adivinhar, portanto, o dia redentor de 1820, Byron, ao escrever depois a peregrinação do *Child Harold*, não hesita em

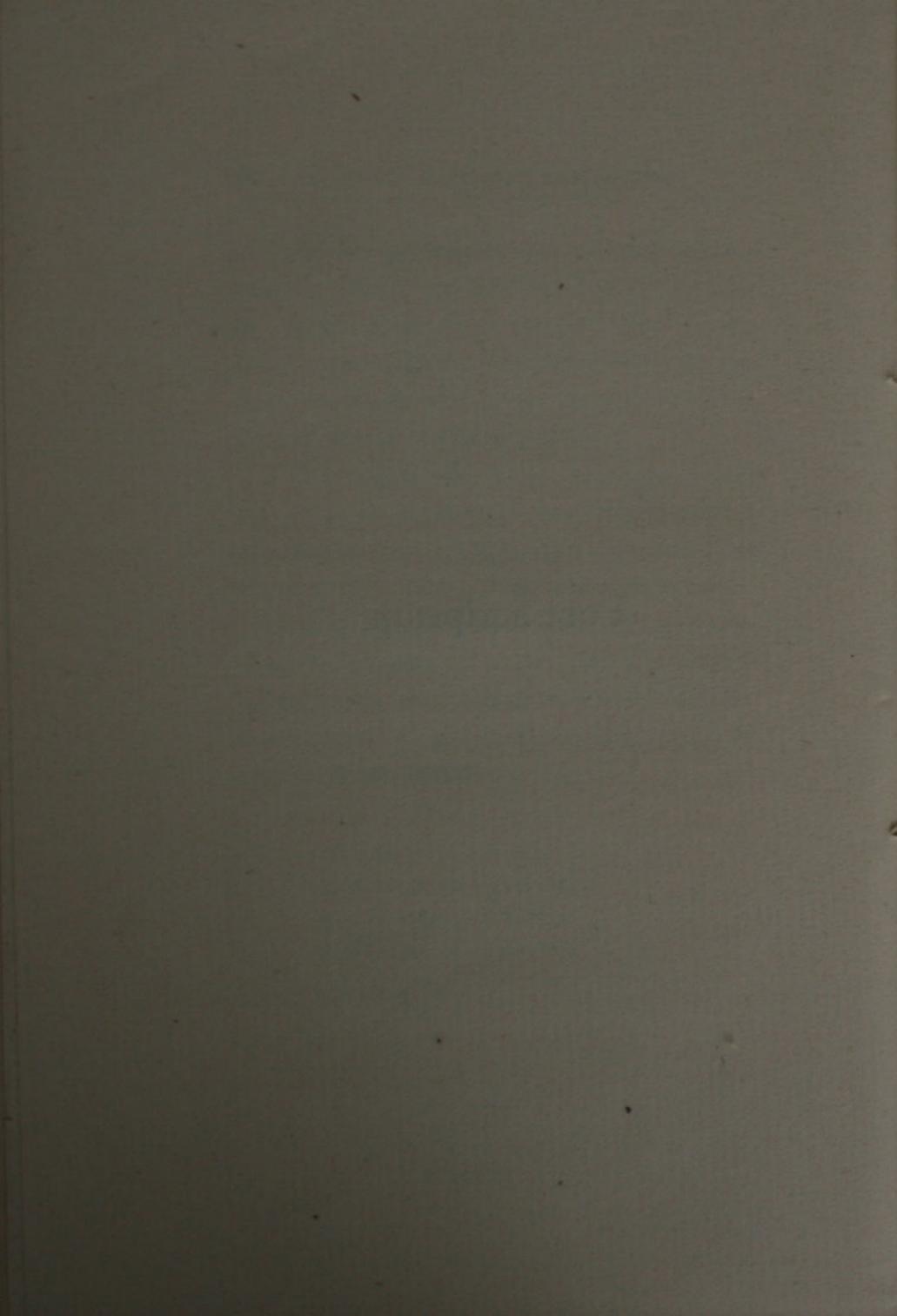
chamar ao português — o ultimo dos escravos. Mas o grande romântico, espécie de Satan apolíneo e sempre rebelde, estivera em Cintra: e internecido pela beleza da nossa luz e das nossas arvores, dirá que é ahí o *Eden glorioso*.

E é tambem elle quem consagra a poesia do povo português, traduzindo para a sua língua uma quadra, que vem nas suas obras com a nota — *from the portuguese*.

Essa quadra, talvez a mais bela do nosso cancionero, por ser a que melhor traduz o arranque da alma amorosa para o infinito, é a que eu vou dizer, encerrando com ella este modesto estudo :

Chamaste-me tua vida  
e eu tua alma quero ser:  
a vida acaba co'a morte,  
a alma não pôde morrer!

Post-scriptum



Pendant mon séjour dans la ville des sultanes,  
un guitariste, chassé par un tremblement de terre  
d'un village que je venais de traverser, s'était donné  
à moi. Sourd comme un pot, il me suivait partout;  
quand je m'asseyais sur une ruine dans le palais des  
Mores, il chantait debout à mes côtés, en s'accompa-  
gnant de la guitare...

CHATEAUBRIAND

*Mémoires d'outre tombe.*



## Post-scriptum

**E**M a nota da pagina primeira, ficou escrito: "... o mórbido desmazeladismo português, resultando natural, como fórmula passiva de resistência, do divórcio entre o Povo e o Estado, depois da tarefa extenuante nos mares."

Essa resignação torturada... de sentir que se não revolta, essa tristeza do abandono da alma sonhadora que se sente apesada entre garras mortaes, não teria achado a sua expressão espontânea na música do *fado*? Trova da decadência, hino da obra erguida e logo falhada, exprimindo

tambem a tristeza do árabe fatalista isolado no oceano e nostálgico do aduar, essa música seria a resposta lúgubre, achada pelo povo de Lisbôa e dada ao rei D. João III e á sua côrte de álgidos assassinos, que vão de ahi por diante deformar, no quebra-nozes gigantesco da noite que derramam, o crâneo português, té achatá-lo.

Seria o protesto platónico do instinto messiânico, que vinha a dizer:

— Não acredito em vós, reis e padres ferozes e letrados latinistas: creio em mim, mas roubaram-me a minha alma — e choro por não a achar. . .

Ultimamente, alguns escritores, e entre elles o meu querido amigo e grande prosador Fialho d'Almeida, combateram essa canção, considerando-a, com desprezo, um suspiro imundo do vício, no que se me afigura se estabelece confusão entre o valor musical da melodia, considerada típica e herdada da *tradição*, e a classe de gente que adoptou em Lisbôa uma das suas mo-

dalidades, talvez a partir do ultra-romantismo tauromáquico de 1850. O facto de o povo rural o não cantar, não quer dizer que elle seja apenas a canção-de-gesta da Moiraria, e justo seja que de tão pronto o releguemos.

A canção trágica de Paris, sobre cujo tema geral o cantador Bruant vasou alguns dos seus extraordinarios versos, na algaravia da *Roquette* e de San Lázaro, não é toda a canção francesa; e todavia essa tonalidade — a mesma dos desenhos de Steinlen — é profundamente humana, é bela. Mas, de resto, o *fado* não é só do horrível *fadista* lisboeta.

E' tambem dos cegos ambulantes, em cujos bornaes Garrett supõe terem andado os folhetos anónimos da *História trágico-marítima*; dos cegos que percorrem, com seus olhos brancos tão calmos postos nos céus que não vêem, aldeias e burgos ignorados, e por lá são, para o povo que os ouve sempre atento, os artistas que vibram

as comoções, as gazetas que lançam as notícias, os moralistas que ensinam, os profetas que anunciam...

Na praia da Nazaré, meses depois de um naufrágio, chorei eu, ha annos, no meio de um rancho de gente que chorava em doídos choros, ouvindo rimar á guitarra os nomes dos mortos no mar. No grupo em que eu me encontrava (todos nós fundidos na intensa penumbra crepuscular da beira-Atlântico) havia mulheres e crianças vestidas de luto. Quando revivo esse momento musical inesquecível, — cuja mordedura, aguda até ao martírio, na minha sensibilidade, só posso comparar á que me produziu, no meu primeiro anno da universidade, e ouvido do alto de San Bento, um *Bemdito* passando na estrada da Beira, por altas horas da noite, com pirilampos trémulos de luzes..., e enchendo o silêncio de tanto dorido sentido do Alem, de tanta esparsa plangência, que tudo acordava no nosso íntimo ser a nostalgia, dormente

na alma, da *igualança da morte*... — quando recordo aquela elegia na praia, eu creio que essa melodia era a *única* em que o rudo troveiro podia dizer a lenda dos mortos á pobre gente que os perdêra!

De outra vez, numa feira, observei um curioso grupo de piquenos lavradores, escutando um cego que nos descrevia as molestias das vinhas e ensinava a maneira de as sarar.

O estilo musical em que esses versos eram cantados, era o do *fado*. E, meu Deus!, como estava longe a Moiraria! Que têm então estas puras comoções, onde se des-crimina o sentimento popular, com o *fado* ignobil que a todos nos repugna?

Mas, dado que Lisbõa seja mediocre expressão moral representativa, triste parece (dir-me-ão) que a voz dos rapsôdos carreie para a periferia saudavel a inspi-ração náufraga do centro, espalhando in-conscientes a semente malsan de essa toada.

Talvez. E, ouvindo-os cantar, os povos ruraes aspiram nessa música, cujo sentido apenas entredevinham, um perfume desconhecido de desgraça, que não é todavia bem a *sua*, ou a cuja influência funesta elles ficaram sempre um pouco estranhos...

Mas, ainda assim, esse contágio seria muito inocente comparado com outros que a capital estabelece com as provincias. Que vale, com effeito, ao pé da pobre lamúria ancestral, uma sugestão semelhaul á do *Bera*, com que uma parte de Lisbôa furiosamente se infeitou? Perante o despêjo morbôso de este gôsto, e conhecida a infiltração que de aqui radia para os meios provinciaes, não seria difficil imaginar este trágico fim da poesia rural, esta ruina total de um povo combalido: — uma lavradeira do Minho, trocando um só dos seus nobres, trabalhados oiros, por uma só de essas mentiras de ribalta... — E isto seria bem mais grave do que a dívida flutuante!

Entanto, no *fado*, (sempre considerado

como melodia tradicional) dissolve-se um longo eco elegíaco, que lógico é ter-se desinvolido em Lisbôa. — Era aqui o porto de mar onde os nossos marinheiros desimbarcavam, após dilatadas viagens, e evocavam os dias de bórdo, onde se canta para espairecer, e onde o ritmo do canto tende a colher, do balanço da nau e do deserto da agua, o compasso arrastado e a melancolia profunda. Na canção popular *Triste vida a do marujo*, plange essa mesma melancolia, tão melodicamente aparentada com a do *fado*, e diferenciada pelo mesmo character dramático, que no tom menor aflo- ra, orvalhado de lágrimas vividas. Entre o *fado* saburroso, cantado com música e articulação características por *caricaturaes*, e o *fado* dos cegos, pobres homeros caminheiros, ha ainda o *fado* de salão, ridícula imitação da serenata de Almaviva debaixo da janela de Rosina.

Mas, pezar do demo!, o nosso músico de génio ainda não surgiu! — Quem nos diz

a nós se esse maestro, se esse *desejado*, partindo da *Canção das mães* (citada na conferência) onde chora a nossa alma rural, não acharia no *fado* o motivo vago e tristíssimo da nossa alma marítima, irman gêmea de aquela?

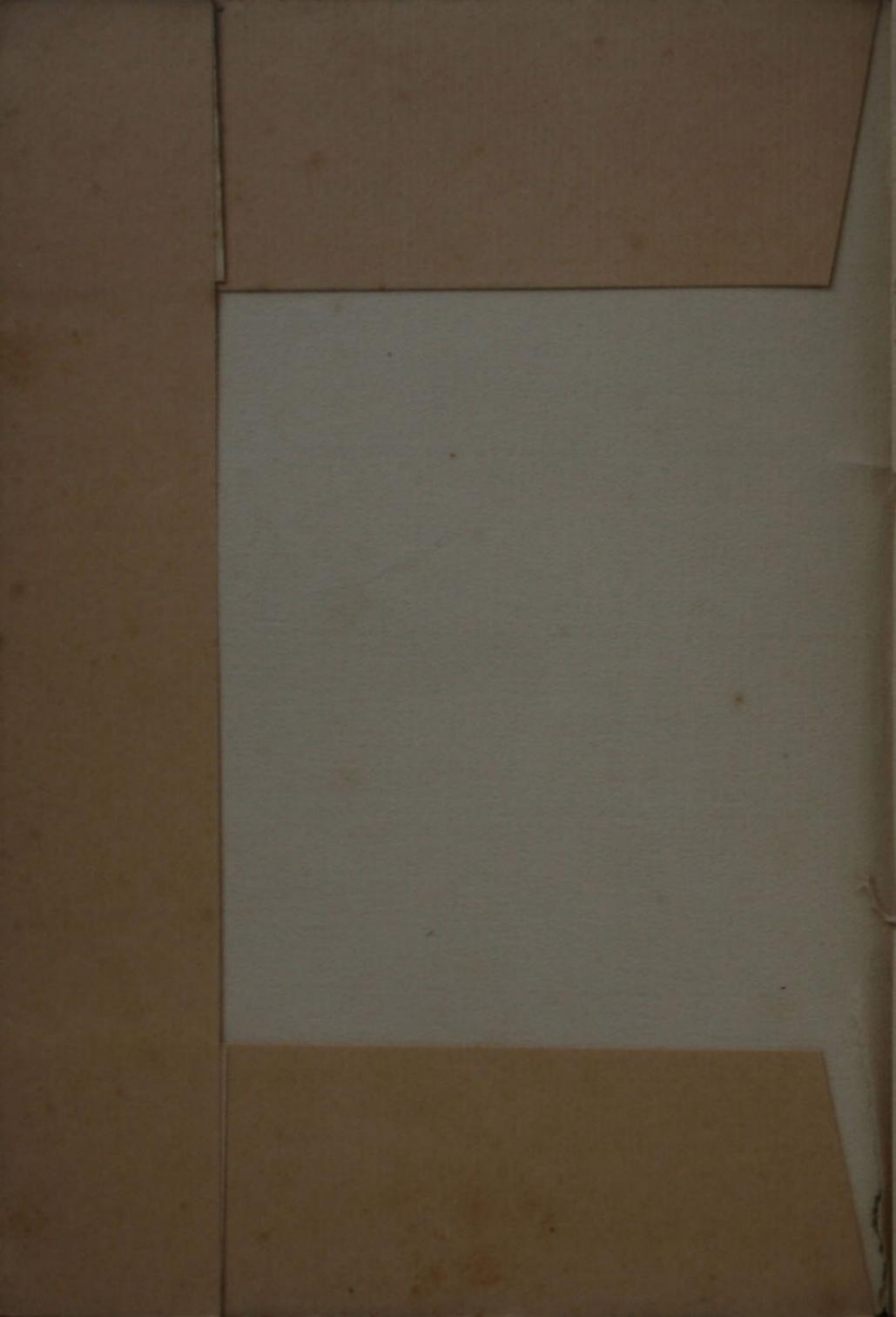
## ERRATA

Da infelicidade da composição,  
erros da escritura  
e outras imperfeições da estampa,  
não ha que dizer-vos:  
—vós os vêdes, vós os castigae.

*D. Francisco Manuel.*









O produto da venda de esta edição, reverte a favor da subscrição nacional para a Escola-monumento João de Deus em Lisboa.

*Depositaria — Associação  
de Escolas Moveis*